

Sobre a obra do compositor boliviano Edgar Alandia Cañipa

Luigi Pestalozza

Alandia é boliviano, mas não leva consigo, nem leva sua música, a tragédia implacável de seu povo, de seu país. Não vive exibindo “musicalmente” o que acontece lá, nas montanhas bolivianas onde nasceu nos meados do século passado.

Acaba sendo difícil desarraigar-se, mesmo para quem estudou longe, como o fez Alandia, em Roma. Alandia, por sua vez, não quer perder suas raízes, que se conservam em suas obras para serem utilizadas de maneira original e, assim, sua música se faz música de fronteira, música de um autor que, entre culturas diferentes, segue adiante, muito atento para não cair em levandades. Seguindo essa ética de trabalho há anos, Alandia tem atuado em diversos países, entre eles Itália, Bolívia e Bélgica. É interessante observar a clareza com a qual Alandia rechaça a tentação dos modismos compositivos europeus e a precisão com a qual utiliza as linguagens e as técnicas aprendidas nas metrópoles musicais da Europa; clareza e precisão que evitam o “estilo” de ser submetido pela retórica de suas fontes latino-americanas, às quais não renuncia.

Em Antes, por exemplo, o jogo compositivo revela uma atitude de pensamento e de expressão dos sons muito típica da música popular andina, pelas simetrias e outros elementos. Mas o trombone de Schiaffini (a quem o divertimento foi dedicado) não imita o folclore ou seus elementos, mesmo que, de todos os

modos, ouçamos que o trombone se “diverte” com eles. Por isso, falando de si mesmo e de algumas de suas obras apresentadas em um concerto, Alandia afirmou que: “os trabalhos que se apresentam são resultado dos estímulos e das contradições do ser latino-americano hoje, e esses fazem parte de uma série de reflexões sobre os parâmetros lógicos (incluindo às vezes questões elementares andinas através do som, o som como manifestação de um estado psicológico determinado por uma natureza macroscópica e pelas tristes condições existenciais). Uma busca, em suma, de si mesmo. Por isso, em cada uma das obras estão fundidos o fazer musical e os fazeres pessoais, fazeres pessoais complicados, delicados, que confirmam suas origens culturais sem se confundir com elas mesmas, mas que buscam mais exatamente o fazer musical, em suas margens de objetiva participação em uma cultura musical adquirida e aceita através das diferenças: a própria identidade. Por isso mesmo, a música vem antes de tudo, e me refiro às peças do álbum *Studio – gravado pelo grupo instrumental Nuove Forme Sonore em 1980 para o selo Edipan –*, que não se pode de nenhuma maneira sintetizar através de uma fórmula única: o elemento comum é uma ‘atitude compositiva’, que é uma maneira de pensar a música, mais que a música por si só.”

É frequente nas obras de Alandia, por exemplo, uma memória estruturalista. No entanto, a presença insistente, perceptível e evidente das estruturas sonoras, às vezes engendradas por um único som, não produz uma organização estrutural da peça, mas segue uma articulação de figuras ou episódios que retornam ao material inicial segundo simetrias características do folclore musical andino. Por isso, é preferível falar de pontos de referência sonoros, harmônicos e tímbricos, ao redor dos quais se move um tipo de material feito de figuras de vários aspectos, de muitas alusões sintáticas, como se um certo movimento evocativo e exploratório musicalmente aberto buscasse não já um contraste, mas uma integração musical cultural com aqueles imprescindíveis pontos de referência. Daí a sensação: a música, antes de tudo... se sente. Tal interdependência discursiva (de grande respiro formal) dá lugar a um novo tipo de “recitativo”: a música se transforma no lugar onde, com instrumentos, sons, relações entre materiais, melodias e atitudes típicas de culturas musicais distintas, se “recita” uma música que busca a si mesma, ou seja, sua realidade ou, se queremos, sua verdade. Por isso mesmo, não bastam somente os esquemas compositivos derivados de uma história da música que interessa somente a uma parte dos homens, os europeus; por isso mesmo, é verdadeira e real a comparação que faz o compositor (dono das técnicas de composição desenvolvidas) com os

pontos fixos, inalienáveis e, por isso mesmo, verdadeiramente de referência de seu mundo musical.

Mas se o estilo compositivo de Alandia é facilmente reconhecível em *Antes e Tu avrai delle stelle* como nessuno ha, esse fato não depende apenas de referências andinas. Na verdade, nessas duas composições, essas referências andinas perdem sua imagem popular. Sem embargo, suas características e sua estrutura obrigam a linguagem adotada por Alandia a um comportamento preciso, que é o da música moderna desenvolvida até o pós-modernismo. Essa linguagem é utilizada por Alandia, mas sem se identificar com ela, defendendo seu estilo pessoal. De fato, sua linguagem não “soa” subalterna, derivada ou homologada, ainda que participe da história da música e todas as suas problemáticas; são os “enredos” dessa história musical que o preservam de uma confusão de papéis, de identidades culturais, porque na linguagem do compositor boliviano é o próprio som que o distingue e o separa da música europeia moderna, com a qual, ao mesmo tempo, compartilha todas as vicissitudes. O som do compositor nos remete sempre à Bolívia e, por isso mesmo (como agora se pode entender melhor), Alandia, músico de fronteira, pôde citar para si os versos de Neruda: “he llegado hasta aquí con todo lo que vino conmigo”¹, comentando: “nesses versos de Neruda pode-se compreender o significado e a problemática do ser latino-americano de hoje, do cidadão da dramática realidade do Terceiro Mundo: protagonistas, espectadores e testemunhas mudas, chegamos aqui com todo o peso da herança social e cultural que nos deixaram as imponentes civilizações locais, os 400 anos de colonização espanhola e o preço terrível da fome pago ao neocolonialismo do império capitalista”. Por isso, mesmo quando não é nem reconhecível nem explícita, a relação com o modo andino de pensar a música é a base do “pensar”, ou seja, da organização dos sons, das obras, do modo de confrontar-se e de interpretar a música de hoje, no mundo de hoje, um mundo multifacetado, não mais concêntrico. Isso, além da própria música, é o que comunica a música de Alandia.

¹ Cheguei até aqui com tudo o que veio comigo.